

A contribuição de Even-Zohar para a abordagem da literatura

Luís Fernando da Rosa Marozo*

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar e analisar a importância do esquema proposto por Itamar Even-Zohar para o sistema literário, adaptado do modelo do linguista Jakobson, para o estudo mais amplo e significativo da literatura. A partir desse esquema, o texto deixa de ser o único elemento na análise literária e passa a integrar um sistema complexo de significação. Nesse sentido, a visão sistêmica da literatura serve como ferramenta tanto para atuar no mundo como para entendê-la como bem simbólico e também material.

Palavras-chave: polissistema; sistema literário; Even-Zohar.

INTRODUÇÃO

O interesse pelas discussões suscitadas pelo pesquisador Itamar Even-Zohar deu-se na medida em que vislumbrávamos, em seus estudos, uma alternativa de ampliar o estudo da literatura. Portanto, apesar de focar, para este ensaio, no texto sobre “Sistema literário”, as reflexões aqui apresentadas é parte integrante da tradução de três artigos do referido autor: “Literatura como bens e ferramentas”, “Sistema Literário” e “Polissistema literário”¹.

De modo geral, pode-se afirmar que as indagações presentes nos artigos se contrapõem a visão textocêntrica e imanente do sentido e passa, então, a abordar a obra literária a partir de um sistema, no qual os textos são produtos resultantes de processos relacionais e sistêmicos. Essa abordagem não só muda a forma como lidamos com o texto literário com também repensa o conceito de literatura, o qual incorpora elementos externos, como ações de políticas públicas, educacionais e mercadológicas, as quais são atuantes nos sistemas culturais e que influenciam a produção do objeto a ser investigado. É preciso, então, estudar a ideia de cânone na sua dinamicidade.

Diante dessa definição, o estudo da literatura abandona a preocupação em buscar o sentido do texto e passa a indagar os textos literários a partir de perguntas como: quem e quando diz? O que diz? Como diz? Para quê e para quem diz? Essas interrogações encaminham para um conhecimento que transcende ao campo do saber literário e que coloca o sujeito diante de uma experiência que possibilita dar sentido ao mundo através das palavras, as quais rompem com os limites de tempos e de espaços.

Seu processo reflexivo se âncora no fato de que a significação do texto literário se dá pela relação estabelecida entre a obra e os vários sistemas culturais com os quais ela se relaciona. Há o pressuposto de que o sistema literário é intrínseco ao “sistema social” e hierarquizado em relação a outros sistemas dados socioculturalmente. Nas palavras do teórico israelense:

se assumirmos que o sistema literário, por exemplo, é isomorfo como o sistema social, a sua hierarquia pode apenas ser concebida na relação com os demais sistemas. A ideia de uma literatura menos estratificada tornando-se cada vez mais estratificada, conforme em outra ocasião sugeri como uma regra universal de sistemas (Even-Zohar, 1978, p. 39), pode ser assim entendida por causa das relações homólogas entre literatura e sociedade.” (1990, p.23)

A literatura pensada desse modo abre-se para o diálogo com outras áreas, o que contribui para cumprir a função de refletir e questionar a produção de conhecimentos, de atitudes, posturas e valores que educaram e que educam cidadãos, possibilitando um olhar crítico e plural. Nesse sentido, seu estudo traz questionamentos que ajudam entender a

construção na nossa identidade, bem como o reconhecimento da nossa história e da nossa cultura. Em outras palavras, a obra não se reduz a uma forma, visto que em sua realização está em jogo relações sociais e culturais consolidadas, o que possibilita pensá-la com um bem cultural e uma ferramenta possível de ser estudada.

É a partir dessas características que somos alertados para necessidade de perceber a literatura não apenas como uma bolsa de valores na qual alguns textos são mais valorizados que outro, mas sim no estudo sistêmico, o qual tem como prioridade averiguar quais motivos determinados produtores, produtos e repertórios ganham valores em determinadas épocas por determinadas instituições ou determinados públicos. Sendo assim, Even-zohar (2015) diz que embora esse seja um aspecto importante na história da literatura, a transformação de produtos não materiais em bens valiosos não está ainda bem explicada.

Nesse sentido, o estudioso propõe uma abordagem da literatura não restrita ao seu produto final que é o texto, mas na sua relação com os mecanismos de produção, recepção e circulação, pois “os textos e os repertórios são apenas manifestações parciais da literatura, manifestações cujo comportamento não pode ser explicado por sua própria estrutura. Seu comportamento é explicável no nível do (poli)sistema literário. Ressalta, portanto, a urgência de pensar a literatura como rede e é essa ideia que queremos resgatar nesse trabalho.

SISTEMA LITERÁRIO

A inovação dos estudos de Even-zohar não se encontra na expressão “sistema literário”, visto que Antônio Candido, um dos nossos maiores críticos literários, também já o havia utilizado na introdução da **Formação da Literatura Brasileira** (1959). Na ocasião, o sociólogo definiu o conceito de sistema pela primeira vez, no Brasil, afirmando que para haver um sistema literário é necessário

a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros (CANDIDO, 2009, p. 25).

Apesar dessa explicação, o autor não aprofunda o conceito, nem tampouco traz o aporte de alguma referência teórica ou bibliográfica, apenas esclarece que a **Formação** “é sobretudo um estudo de obras” (CANDIDO, 2009, p. 17). É no prefácio à segunda edição, em nota de rodapé, que menciona uma possível influência de Thomas Clark Pollock, **The Nature of Literature**, de 1942 (CANDIDO, 2009, p. 18).

Como a **Formação** foi lançada em 1959, mas concluído dois anos antes, é bem provável que Antônio Candido não tenha tido contato com as ideias de Tynianov e Eikhenbaum sobre sistema literário, uma vez que as traduções dos formalistas russos só tiveram repercussão no ocidente quando Victor Erlich publica o livro **Russian Formalism** (1955)². Luiz Costa Lima em um estudo sobre a *Formação* aponta o funcionalismo antropológico inglês como uma das influências decisivas na concepção de sistema de Candido (LIMA, 1001, p. 160-162). Aliás, no prefácio à terceira edição de **Literatura e Sociedade** (2006), o próprio Candido confessaria sua dívida à antropologia social inglesa (CANDIDO, 2000, p. XII). De toda forma, o autor não voltaria ao tema, com exceção das raras vezes em que trata do assunto de modo rápido, no entanto sem o acréscimo de nenhum elemento significativo.

Even-Zohar por sua vez, trata a noção de sistema em dois trabalhos: **Polysystem Theory** (EVEN-ZOHAR, 2007-2011) e **The Literary System**³, publicados em um número monográfico da revista “Poetics today” (1990) quando se diz herdeiro da tradição aventada primeiramente pelos formalistas russos⁴. Nas mais de 250 páginas desse compêndio, o autor introduz e problematiza seu conceito, que vem sendo elaborado desde os anos de 1970, acrescentando ideias advindas do debate acadêmico e fazendo estudos de caso voltados à literatura russa, israelense, alemã e de outras nacionalidades.

Para Even-zohar o verdadeiro pai do enfoque sistêmico é Tynjanov, porém deixa explícito a esses leitores que neste a ideia de sistema ainda está vinculada a uma ideia de textos, por isso a importância de repensar as interpretações relacionadas aos Formalistas Russos. Foi Boris Ejxenbaum quem, segundo o autor israelense, incluiu aspectos do funcionalismo na concepção de sistema, pois

já não é “textos”, como nos primeiros anos do Formalismo, nem, de modo vago, “textos cuja produção está estrangida por normas que regem a atividade literária dominante”, e sim a totalidade, ou melhor, a rede dessas atividades. Para enfoques retrógrados da literatura, estas posições (que cristalizaram por volta dos vinte aproximadamente) se consideravam uma “traição” ao “verdadeiro espírito do Formalismo”, que presumivelmente deveria concentrar-se no produto “final” (e daí o mais importante, por assim dizer) que a literatura pode produzir: a “própria obra”. (Even-Zohar, 2015, p. 25)

No Brasil, até recentemente, as discussões teóricas sobre sistema literário não avançaram muito além do esboço de Antônio Candido. A teoria dos polissistemas de Even-Zohar redefine o conceito de sistema literário, propondo ampliar seu campo de ação e de interação, pois

o termo supõe um compromisso com o conceito de “sistema” do funcionalismo (dinâmico), isto é, a rede de relações que podem hipotetizar-se (propor como hipótese) para um conjunto dado de observáveis (“eventos”/ “fenômenos”). Isso implica que “o conjunto de observáveis assumidos” não é uma “entidade” independente “na realidade”, pelo contrário, é uma entidade dependente das relações que alguém esteja disposto a propor. (EVEN-ZOHAR, 2015, p. 22).

Todavia, é necessário ressaltar que análise funcionalista propõe dois modelos: um denominado “teoria dos sistemas estáticos”, cujo sistema é concebido como uma rede estática – ou sincrônica – de relações; e outro denomina de “teoria dos sistemas dinâmicos”. Even-Zohar rejeita o primeiro ao incorporar a diacronia, pois compreende o sistema como uma estrutura heterogênea, dinâmica, versátil e aberta. Nesta perspectiva, raramente é concebido um monossistema e sim um polissistema, isto é, um sistema múltiplice, um sistema de sistemas, uma rede de redes.

Enquanto o funcionalismo estático advém de Saussure, a perspectiva dinâmica tem suas origens nos formalistas russos e nos estruturalistas tchecos. Segundo Even-Zohar, o estruturalismo francês, na década de 1920, ignorou a noção de sistema aberto e dinâmico afetado pela evolução diacrônica e produziu vagas formulações pós-estruturalistas porque desconheceu que estas propostas já haviam sido claramente formuladas por parte dos formalistas russos (EVEN-ZOHAR, 2007-2011, p. 30-32). Quanto ao sistema literário propriamente dito, a teoria dos polissistemas o define da seguinte maneira:

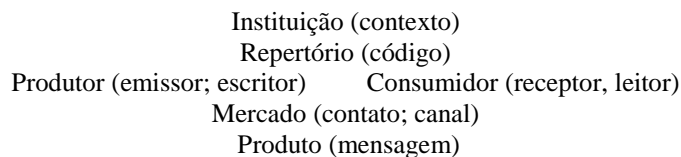
A rede de relações hipotetizada entre uma certa quantidade de atividades chamadas “literárias”, e conseqüentemente, essas atividades observadas através dessa rede.

Ou: O conjunto de atividades – ou qualquer parte dele – para que relações sistêmicas que fundamentam a opção de considerá-las “literárias” podem ser hipotetizadas. (EVEN-ZOHAR, 2013a, p. 23).

Nesta perspectiva o sistema literário não existe fora ou para além das relações que nele operam, isto é, não existe a priori um conjunto de fenômenos que faça parte necessariamente deste sistema. (EVEN ZOHAR, 2015, p. 23). São as leis específicas do sistema literário, em constante intersecção e sobreposição com outros sistemas (culturais, políticos, sociais), que definem quais atividades e quais agentes serão incluídos ou excluídos de sua rede de relações – e estas leis não são imanentes, mas social e historicamente determinadas.

A literatura, dessa maneira, não configura apenas um conjunto de textos, mas antes um agregado de atividades que, como um todo, constitui um sistema que interage com outros sistemas. Tal perspectiva alude a noção de “campo” proposto por Bourdieu, porque trata das relações de poder entre atividades que promovem ou destituem elementos simbólicos dentro de uma sociedade. Nesta proposta, a literatura é resultado de ações e estratégicas que incluem e excluem não apenas determinados autores, assuntos e temas sociais do texto literário, mas também interfere no repertório e no modo de recepção, por isso a importância de ressaltar que nesse processo não há ideia de hierarquias, mas sim de interdependências.

Assim, para organizar os elementos que constituem o (poli)sistema, Even-zohar toma emprestado o conhecido esquema da comunicação elaborado por Roman Jakobson, estabelecendo os elementos constitutivos do sistema literário, conforme o seguinte esquema:



Ao analisar a literatura baseada na relação desse esquema com o estudo do polissistema “é possível perceber o texto como um produto resultante das relações entre poeta/escritor como produtor, o leitor como um consumidor, o mercado, a instituição, repertório como componentes do sistema literário, bem como sua interação com diferentes sistemas culturais”. Todos os fatores que direta ou indiretamente influem no conjunto de atividades denominadas de literárias devem ser compreendidos como internos. A diferença mais significativa dessa adaptação é a inserção da “instituição” na qual Jakobson tem como “contexto”.

De um modo geral, pode-se dizer que na concepção sistêmica o texto não é nem o único e nem o mais relevante aspecto do sistema literário, basta reconhecer que nenhum deles funciona de modo isolado e que as relações que estabelecem entre si afetam ou podem afetar os demais fatores:

Assim um CONSUMIDOR pode “consumir” um PRODUTO produzido por um PRODUTOR, mas para o “produto” ser gerado (o “texto”, por exemplo), deve existir um REPERTÓRIO comum, cuja possibilidade de uso está determinada por uma certa INSTITUIÇÃO. E deve existir também um MERCADO no qual ele possa ser transmitido. (EVEN-ZOHAR, 2013b, p. 30).

Como é possível perceber na citação acima, em vez de escritor ou simplesmente emissor, Even Zohar prefere produtor e produtores, para não suscitar imagens muito específicas. A figura do produtor torna-se relevante ao ser pensada tanto na intuição literária quanto no mercado literário, pois ela está na atuação do escritor, mas também em seu papel de organizador e na relação com outros escritores, artistas, intelectuais, críticos, professores etc. É preciso romper com os polos aos quais ficou confinada a imagem do produtor na tradição literária: ora como aquele que tem muito a nos dizer sobre seu produto, inclusive seu sentido, ora como uma figura não confiável.

Sendo assim, ainda que seja útil entender o produto textual como o resultado último e objetivado da atividade literária, não é possível entender o papel em si do produtor individual, no âmbito geral da produção, como alguém que desempenha atividade única na intrincada rede de trabalho literária. Portanto, na perspectiva sistêmica, o produtor pode, segundo Even-Zohar (2013b), atuar com papéis que se tornam parcial ou totalmente incompatíveis entre si tais como a de organizadores, de editores, de performers etc, o que torna o a figura do produtor melhor compreendida no coletivo.

Com efeito, todo escritor/produtor está inserido em certo sistema cultural e político, o qual por sua vez é enformado por um determinado discurso – ou feixes de discursos – do poder e regido por um repertório específico de leis e regras consensuais. Por esse motivo não faz sentido desatrelar o produtor literário, tanto no passado quanto atualmente, das demais instâncias de poder em uma dada comunidade. Se por um lado não é fácil encontrar um produtor que tenha alcançado uma posição de prestígio no cânone sem produzir textos, por outro, “o número de textos e sua circulação tornam-se secundários em relação aos parâmetros que regem o sistema” (EVEN-ZOHAR, 2013b, p. 32).

Os produtores não exercem um único e exclusivo papel no sistema literário, mas antes um conjunto de atividades inclusive conflitantes, como professores ou críticos literários,

Não é apenas ‘um produtor’ que encontramos, nem apenas um conjunto de ‘produtores’ individuais, mas grupos ou comunidades sociais, de pessoas envolvidas na produção, organizados em uma série de maneiras, e de qualquer forma relacionados uns com os outros não menos do que seus potenciais consumidores. Como tal, eles já fazem parte tanto da instituição literária como do mercado literário. (EVEN-ZOHAR, 2013b, p. 35).

Assim como os produtores não estão confinados a um só papel na rede literária, pois atuam, muitas vezes, em outras atividades; no outro ponto, o da recepção, a figura do leitor deve ser analisada a partir da ideia de consumidor. A passagem de leitor ao consumidor justifica-se pelo fato de que a literatura em sua recepção não funciona apenas em termos de leitura, pois o sujeito visa participar de outras facetas do sistema literário.

Nesse sentido, Even-Zohar (2013b, p.34) afirma que “os consumidores de literatura (como os de música, teatro, balé e muitas outras atividades sócio-culturais institucionalizadas) consomem frequentemente a função sócio-cultural dos atos envolvidos na atividade em questão”. O termo “consumidor”, na perspectiva sistêmica, atenta para a existência de consumidores diretos e indiretos na medida em que os membros de qualquer comunidade são ao menos consumidores “indiretos” de literatura, pois consomem fragmentos literários, digeridos e transmitidos por variados agentes culturais e integrados no discurso diário.

Os consumidores diretos seriam aquelas pessoas voluntárias e interessadas nas atividades literárias e que participam de várias outras formas no sistema literário.

Para começar, o consumo direto de *textos integrais* foi e segue sendo periférico para a maioria dos consumidores “diretos” de “literatura”, sem falar dos “indiretos”. Todos os membros de qualquer comunidade são ao menos consumidores “indiretos” de textos literários. Em tal qualidade, nós, como membros da comunidade, simplesmente consumimos uma quantidade de fragmentos literários, digeridos e transmitidos por variados agentes culturais e integrados no discurso diário. Fragmentos de velhas narrações, alusões e frases feitas, parábolas e expressões cunhadas, todo isto e muito mais constitui o repertório vivo depositado no armazém de nossa cultura. (EVEN-ZOHAR, 2013b, p. 33).

Mesmo os consumidores diretos, isto é, aqueles que se interessam voluntária e deliberadamente pelas atividades literárias, não se está bem certo até que ponto o seu foco principal é o ato de ler propriamente dito ou a participação em vários outros níveis no sistema literário. Além disso, Even-Zohar (2013b, p.35) adverte que “não existem só consumidores individuais no sistema literário, mas também consumidores como grupo, para os quais nossa tradição cultural tem uma denominação comum: o público”.

O público evidencia algumas das estratégias de inserção da literatura no espaço público adotadas pelos produtores, ou seja, é em grande parte resultado de uma estratégia em que produtor (agente do mercado direto) são coatuantes, seja esta união dada de forma deliberada ou não. O público é resultado não apenas da ação de divulgação, mas do tipo de entretenimento oferecido e, também, das condições de acessibilidade. Nesse sentido, as feiras de livros contribuem sobremaneira para dimensionar o público que visita estandes nos quais participa tomando contato com livreiros, comerciantes locais, performances artístico-literárias, bibliotecas e salas de leitura, palestra de escritores, exposições comemorativas e ambientes de leitura com acesso a livros impressos e digitais de inúmeros fabulistas e jogos para crianças.

Trazendo isso para nossa realidade, pode-se apontar a diversidade de alguns exemplos. Primeiro, tem-se a Feira do Livro na praia do Cassino-RS, a qual é realizada em final de fevereiro e está vinculado à Universidade Federal do Rio Grande. Sendo o lugar de realização uma cidade litorânea, esta obedece a um calendário de veraneio com intuito de atrair turistas em férias, além da participação de moradores e estudantes. Outro exemplo é a Feira do Livro realizada em Jaguarão, a qual já é direcionada para um público local e se poderia dizer que é mais um evento comunitário do que uma feira de livro pelo próprio espaço em que as obras se encontram.

As duas feiras possuem muitas diferenças que vão desde a distribuição e tamanho dos estandes, o espaço ocupados pelos livros, o grau de importância do escritor que nela vai fazer sua fala, até a forma como ela é divulgada pela imprensa local. Nesses eventos é possível perceber a relação do público com o produtor, visto que este irá receber um *feedback* da aceitação de sua obra e também funcionará com um indicador de sucesso do evento. A partir desses exemplos, percebe-se que o público nunca deixou de ser um agente importante na construção do repertório e do produto, incluindo aí a obra literária.

Ao falar de consumidor e de público fica latente a concepção de literatura como atividade sócio-cultural. Nesta perspectiva surge a categoria da instituição, a qual cumpre a função de sancionar as normas que envolvem a atividade em questão. A instituição, nesse viés, determina quem e que produtos serão lembrados por uma comunidade. Por isso, para Even-Zohar a dinâmica literária resulta de ações de “instituições sociais”, constituídas sob a forma de veículo das ideologias literárias: editoras, críticos, grupos literários, agências governamentais de fomento à cultura e à educação, centros educacionais, mídia, associações que, por sua vez e inegavelmente, obedecem a regras do sistema cultural.

As instituições operam em várias funções dentro do sistema, a partir de suas disputas e imposição de suas preferências. No entanto,

esta enorme variedade não produz um corpo homogêneo, capaz, por assim dizer, de atuar harmonicamente e com êxito para impor suas preferências. Dentro da instituição existem lutas pelo domínio, de modo que em cada ocasião um ou outro grupo consegue ocupar o centro da instituição, tornando-se o grupo dominante. Contudo, pela variedade do sistema literário, diferentes instituições podem operar ao mesmo tempo em diferentes seções do sistema. Por exemplo, enquanto certo grupo de inovadores pode ter ocupado o centro da instituição literária, escolas, igrejas e outras corporações e atividades sócio-culturais organizadas podem obedecer ainda a certas normas que tal grupo já não aceita mais. (EVEN-ZOHAR, 2013b, p. 35).

O mercado, desse modo, não está relacionado apenas a situações comercialização e distribuição de produtos literários. Ele é também responsável pelos fatores que ligam os elementos dentro do sistema, visto que os agentes da instituição e do mercado muitas vezes se entrecruzam. Esse movimento é possível devido ao fato de a fronteira entre um elemento e outro ser flexíveis e permutáveis, ou seja, suas posições não são fixas.

Para o crítico israelense, a relação de mercado do texto não pode ser entendida simplesmente como uma relação de ordem econômica. Ela se estabelece por relações entre pessoas, que implicam também relações de poder e de papéis constituídos socialmente. Desse modo, os professores de literatura, por exemplo, ao pertencerem a instituições de ensino, são agentes do mercado, pois indicam obras para serem lidas e estas obras serão elevadas a um bem simbólico, o que reverbera em varias partes do sistema: consumidor, mercado, instituições, produtor etc.

Entretanto, um determinado produto, produtor ou repertório chega a ser um bem simbólico e material não apenas pela escola ou universidade, instituições importantes. Nesse sentido, é fundamental chegar ao questionamento de “quem além delas decide se um livro é bom?” ou, ainda, como um livro ganha prestígio no mercado editorial e agrega valor de “bem cultural?”

Para esses questionamentos não existe um consenso, mas pode-se apontar alguns fatores envolvidos nessa relação, como por exemplo as cerimônias de premiação de autores no cenário literário (como o Prêmio Nobel, Prêmio Camões etc) que cumprem tal função. Entretanto, os prêmios não são os únicos exemplos que dão valor a uma obra, visto que as editoras, os autores e os livreiros também cumprem um papel importante.

É visível o poder que as grandes editoras detêm sobre a decisão se um livro é bom ou ruim, seja pela forma como expõem o autor ou uma obra em específico em suas lojas, pelo *marketing* empregado na divulgação, pela forma como circulam seus produtos em canais de comunicação publicitários e, não menos importante pelo *lobby* exercido em concursos e grandes premiações literárias. Observa-se que com a drástica diminuição do mercado de livrarias independentes, o poder de decisão do bom livro centrou-se quase que exclusivamente nas mãos das grandes redes. Outro aspecto ligado ao mercado, mas que é pouco reconhecido por essa função, é a Escola. Mesmo que sua relação primeira é com o sistema educacional, essa pode servir de mercado devido a sua capacidade de vender o produto aos estudantes, servindo o professor como mercador.

A escola e a universidade, como instituições de ensino, é um exemplo que serve de ponte para o último elemento do sistema discutido pelo autor: o repertório. Even-Zohar denomina de repertório, o que Jakobson adota como “Código” devido ao fato de que este está muito restrito a ideia de regras, O repertório significa não apenas o conjunto de regras,

mas também os materiais (elementos, unidades, padrões) que regem tanto a criação quanto o consumo de qualquer produto literário:

Quanto maior seja a comunidade que confecciona e usa dados produtos, tanto maior deve ser o acordo sobre semelhante repertório. Embora os interlocutores (emissor ou receptor) em uma situação específica de intercâmbio (comunicação) não necessitem obrigatoriamente um grau absolutamente idêntico de familiaridade com um repertório específico, sem um mínimo de conhecimento compartilhado não haverá virtualmente intercâmbio. “Pre-conhecimento” e “acordo” são, pois, as noções chave do conceito de repertório. (EVEN-ZOHAR, 2013b, p. 37).

O repertório diz respeito ao conjunto de regras e conhecimentos partilhados que regem tanto a confecção quanto o uso de qualquer produto. Se considerados os “textos” como a mais evidente manifestação da literatura, o repertório literário será o conjunto de regras e unidades que classificam os tipos de discurso. Esse elemento é, em certa medida, o campo de rearranjo das convenções literárias, o espaço por natureza de encontro entre escritores e artistas, escritores e leitores, escritores e seus ouvintes. É o ponto de embate entre ideias, movimentos estéticos e ideologias.

Se a literatura se manifesta em diferentes produtos, em diferentes formas, o repertório literário pode ser concebido como um agregado de repertórios específicos para cada uma dessas manifestações diversas. A estrutura desses repertórios específicos, explica Even-Zohar, pode ser definida em três níveis distintos: o nível dos elementos individuais, dos sintagmas e dos modelos. O nível dos elementos individuais inclui os elementos simples como morfemas e lexemas; o nível dos sintagmas refere-se às combinações no nível das orações sintagmáticas (modos de fala, expressões, modismos, etc); e, por último, o nível dos modelos que corresponde ao conceito de gêneros.

Por outro lado, se os textos são o produto mais evidente da literatura, o repertório é o complexo de normas e elementos sem os quais não se produzem nem se consomem textos considerados literários. Portanto, se um sistema literário possui vários níveis (um nível renovador, um nível conservador), para cada um desses níveis existe um repertório literário específico. Assim, para cada agente do sistema pode haver um repertório particular: assim, o repertório exigido de um escritor não é exatamente o mesmo de um crítico, nem o de ambos coincide com o de um simples leitor.

Dessa forma, o produto, é aqui entendido como qualquer conjunto de signos verbais realizados (ou realizáveis), o que muitas vezes nem sempre coincide com textos – ou textos integrais. No entanto, para além dos textos, escritos ou orais, inteiros ou fragmentários, há outro produto do sistema literário do qual os textos propriamente ditos são apenas um veículo: um determinado conjunto de normas, opiniões e conhecimentos desejáveis, “como uma que ajuda a sociedade a manter seus modos de realidade, que por sua vez regem os modelos de interação interpessoal.” (EVEN-ZOHAR, 2015, p. 40).

Por ‘produto’ me refiro a qualquer performance (ou algo passível de uma performance) produtoras de signos, ou seja, o que inclui um determinado ‘comportamento’. Assim, qualquer resultado de qualquer atividade pode ser considerada ‘um produto’, qualquer que seja sua manifestação ontológica. (EVEN-ZOHAR, 2013b, p. 43)

Nesse sentido, a perspectiva de produto apontada por Even-Zohar põe a literatura em sintonia direta com seus mecanismos de circulação. As estratégias de inserção da literatura no espaço público demonstram que mercado e instituições literárias encontram-se

implicados num sistema de significação do texto. Tal premissa é também encontrada na teoria de Pierre Bourdieu, segundo o qual:

O princípio da mudança [...] reside no campo de produção cultural e, mais precisamente, nas lutas entre agentes e instituições cujas estratégias dependem do interesse que têm, em função da posição que ocupam na distribuição do capital específico (institucionalizado ou não), em conservar ou em transformar a estrutura dessa distribuição, portanto, em perpetuar as convenções em vigor ou em subvertê-las. (BOURDIEU, 1996, p. 264).

A relativização dos processos envolvidos nas estruturas das instituições e na distribuição dos produtos remete-nos as indagações de Even-Zohar:

Qual é o produto da “literatura”? Existe, para começar, um “produto por excelência” para toda atividade (sistema) dada? Pode aceitar-se como resposta satisfatória a ideia corrente de que os “textos” são o produto evidente -em muitas concepções o único produto- da “literatura”? (EVEN-ZOHAR, 2013b, p. 43)

As respostas ficam evidentes nas discussões ao longo deste texto. O importante de se destacar com o intuito de dar um fechamento é de que sistema não pode ser confundido com sistematicidade, com homogeneidade. A literatura pensada como parte integrante de outros sistemas culturais deve ser abordada nas suas relações com outros sistemas. Entretanto, as manifestações no campo literário também necessitam de um equilíbrio regulador para não entrar em colapso ou desaparecer. Para Even-Zohar (2013a, 08), “os repertórios canonizados de um sistema qualquer se tornariam estanques muito provavelmente passado certo tempo, se não fosse pela competência dos rivais não canonizados que ameaçam frequentemente substituí-los”. É, portanto, esse princípio de mudança que garante a evolução do sistema, que é o único modo de conservá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui apresentadas buscam demonstrar que grande parte dos métodos interpretativos do texto literário não contribui para uma compreensão do papel da literatura no mundo. Por isso, a urgência em retomarmos os estudos de Even-Zohar e inserirmos a noção sistêmica da literatura tanto no ensino como nas abordagens acadêmicas. É preciso entender por que o sistema dinâmico foi ignorado tanto na linguística quanto na literatura e o sistema estático, sincrônico triunfou.

A partir da visão sistêmica, os estudantes e pesquisadores tem uma visão social e cultural ampla; além da possibilidade de perceberem como elementos simbólicos tornam-se bens materiais quando são valorizados por determinadas instituições. Isso requer pensar os “textos” como construções por um produtor, inseridos em certo contexto social, vinculados a um discurso de poder moldado segundo certo repertório aceitável e legitimado por determinadas instituições. Outro aspecto relevante nessa concepção de sistema é a abertura para análise de outros aspectos relacionados à literatura, tais como as livrarias, as feiras, as escolas, as premiações etc..

O estudo sistêmico da literatura permite, ainda, pensar a escola e universidade como espaços compartilhados por diferentes gerações que agem, vivem e se expressam através de textos e performances. Os alunos, poetas, consumidores tem a possibilidade de aprender a perceber de modo mais nítido o contraste entre estilos, ideologias e formas de experimentalismo. Ou seja, são os repertórios e produtos que se encontram em mudança e que nem sempre ou quase nunca tem espaço para ser contemplado na escola.

Desse modo, o caráter sistêmico rompe com a hierarquização da leitura, para a qual há modelos “interpretativos” que tomam os textos como algo que existe de a priori, que não é necessário questioná-los ou investigá-los em sua materialidade, restando somente decifrar seus segredos “ocultos”. O rompimento de hierarquias não rompe com o respeito e o prestígio dos poetas da tradição canônica; apenas muda sua abordagem, sendo estudado em uma perspectiva mais ampla porque a questão seria colocada da seguinte maneira: como determinado autor influenciou no sistema? A quais instituições estava ligado? Qual repertório se apropriou? Como foi a recepção de sua obra na época e como é hoje?

Essas interrogações fazem com que seja inserido no processo interpretativo um conjunto de questões econômicas, políticas e culturais etc. Esse posicionamento de estudo da tradição não impede a reflexão sobre o presente e a inserção de novos paradigmas vindos de gerações menos conhecidas. Isso porque o sistema literário não é uma realidade homogênea, como já foi salientado, transmissora de um corpo unificado de valores. Ao contrário, seus elementos e funções, mais que unidades harmônicas, constituem sistemas concorrentes, não hierarquizados no polisistema. Portanto, devemos tomar o cuidado de não confundirmos a totalidade do sistema literário com o seu estrato dominante, isto é, com a cultura oficial promovida e sancionada pela instituição.

A Semana de Arte Moderna brasileira, de 1922, por exemplo, poderia ser estudado como festival artístico-literário. Mais que estudar o modernismo pelas cartas, pelos manifestos, romances, seria possível estudar através deste evento que foi organizado por um grupo, com circulação na imprensa local o qual, associada à elite empresarial paulistana, reuniu artistas e intelectuais responsáveis por positivar as ideias advindas das vanguardas europeias. A Semana foi, em sua forma, um festival que envolveu inúmeros sistemas socioculturais: setores econômicos, governamentais (Graça Aranha além de escritor era um diplomata), intelectuais, musicais, plásticos, galerias, imprensa etc., gerando uma forma de fazer poesia que veio a se tornar cânone literário.

Entretanto, não existe sociedade sem tensão entre estratos canonizados e não canonizados. Qualquer sistema cujos estratos dominantes não sofram a concorrência de estratos não canonizados entraria em decadência. Sob a pressão destes, os repertórios não podem permanecer inalterados. É esta dinâmica que garante a evolução do sistema, sem a qual ele poderia fossilizar-se ou mesmo extinguir-se. É isso que ocorre quando pensamos a literatura dentro de uma perspectiva homogênea e sem conflitos, ou seja, a retiramos da vida, justamente a vida que serve de alimento para a literatura. É por isso que Even-Zohar questiona o texto como manifestação única da literatura, pois considera que esse não é o único, nem necessariamente o mais importante produto literário.

* Professor adjunto da Universidade Federal do Pampa. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em História da Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: mitologia grega literatura, narrativa imaginário, mitologia literatura, literatura brasileira autobiografia Manuel Bandeira e literatura brasileira.

¹ Estes três artigos estão em português e podem ser encontrados nos seguintes endereços:

EVEN-ZOHAR. Teoria dos polissistemas. **Revista Translatio**. Tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. Porto Alegre, v. 5, p. 2-21. 2013a. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/translatio/issue/download/2211/23. Acesso em: 05 set. 2016.

_____. O sistema literário. **Revista Translatio**. Tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. Revisão Linguística: Raquel Bello Vazquez Porto Alegre, v. 5, p. 2-21. 2013b. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/translatio/issue/download/2211/23. Acesso em: 05 set. 2016.

_____. A literatura como bens e ferramentas. **Revista Colineares**. Tradução de Luís Fernando da Rosa Marozo, Yanna Karlla Honório Gontijo Cunha, Daiane Pádula Paz e Éderson Cabral. On-line. Edição 2. Rio Grande do Norte: UERN, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/colineares/article/viewFile/1764/949>. Acesso em 06 set.2016. - ISSN 2357-8203.

² Esta divulgação no mundo ocidental foi decisiva, porque permitiu o desenvolvimento de inúmeros estudos e traduções de textos fundamentais. Ver: TODOROV. *Teoria da literatura: formalistas russos*, organização de Dionísio de Oliveira Toledo e prefácio de Boris Schnaiderman. Porto Alegre, Editora Globo, 1971.

³ A revista *Poetics Today* publicou um compêndio com os principais artigos do crítico israelense, intitulado *Polysystem Studies*.

⁴ Uma versão deste texto encontra-se em língua portuguesa, numa tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla e pode ser acessado on-line pela Revista *Translatio* 4, p.22-45. www.seer.ufrgs.br/translatio/issue/download/2211/23

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2009.

_____. **Iniciação à literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

_____. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

EVEN-ZOHAR. Teoria dos polissistemas. **Revista Translatio**. Tradução de Luís Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. Porto Alegre, v. 5, p. 2-21. 2013a. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/translatio/issue/download/2211/23 . Acesso em: 05 set. 2016.

_____. O sistema literário. **Revista Translatio**. Tradução de Luís Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. Revisão Linguística: Raquel Bello Vazques. Porto Alegre, v. 5, p. 2-21. 2013b. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/translatio/issue/download/2211/23 . Acesso em: 05 set. 2016.

_____. A literatura como bens e ferramentas. **Revista Colineares**. Tradução de Daiane Padula Paz, Éderson Cabral, Luís Fernando da Rosa Marozo e Yanna Karlla Honório Gontijo Cunha. On-line. Edição 2. Rio Grande do Norte: UERN, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/colineares/article/viewFile/1764/949>. Acesso em 06 set.2016. - ISSN 2357-8203

JAKOBSON, Roman. **Linguística e poética**. In: _____. *Linguística e comunicação*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2003. p. 118-162.

LIMA, Luiz Costa. **A concepção de história literária na Formação**. In: _____. *Pensando nos trópicos: dispersa demanda II*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 149-166.

NITRINI, Sandra. Teoria do Polissistema. In: **Literatura Comparada: história, teoria e crítica**. São Paulo: Edusp, 1997. p. 104-117.

TODOROV. **Teoria da literatura: formalistas russos**. Organização de Dionísio de Oliveira Toledo e prefácio de Boris Schnaiderman. Porto Alegre, Editora Globo, 1971.